

# PAIX LITURGIQUE

Carta 3 publicada a 18 fevereiro 2010

## A paz litúrgica, uma exigência universal

Com uma nova versão em polaco, a Carta de Paix Liturgique completa agora a sua internacionalização. À primeira versão estrangeira, que foi a italiana, seguiram-se a alemã, a espanhola, a inglesa, a portuguesa, e, por fim, muito em breve, aparecerá a versão polaca. Este desenvolvimento da Carta de Paix Liturgique pretende encorajar a universalização da celebração da missa tradicional, agora chamada de “forma extraordinária do rito romano” e que foi reapresentada pelo Motu Proprio Summorum Pontificum, dado à Igreja pelo Santo Padre, Bento XVI, em Julho de 2007. Ora bem, se é verdade que a associação Paix Liturgique é amplamente conhecida no seu país de origem, a França, tal já não será o caso nos demais países. Para ajudar os nossos novos leitores a melhor compreenderem os motivos da originalidade de Paix Liturgique, damos hoje a palavra ao nosso presidente, Christian Marquant.

*Tendo fundado, em 1967, o Movimento da Juventude Católica de França (MJCF), e tendo criado depois Oremus, em 1990, Christian Marquant veio a lançar Paix Liturgique no início desta década de 2000. Estando confinada, no começo, apenas à diocese de Nanterre (província de Paris), a acção de Paix Liturgique, que consiste em apoiar a aplicação das disposições pontificias em favor da missa tradicional, pouco a pouco expandiu-se por toda a França.*

*Christian Marquant, o que é que a Paix Liturgique representa hoje?*

**CM:** Desde o tempo das actividades de Oremus, nos anos 90, e do aparecimento de Paix Liturgique, com a campanha realizada na diocese de Nanterre, a fim de se obter a aplicação do Motu Proprio Ecclesia Dei, decretado por João Paulo II em 1988 (1), temos vindo a evoluir bastante. Pelo menos no que toca ao método e aos meios empregues, já que, graças ao surgimento da internet, em vez de um grupo de fiéis condenado a utilizar meios clássicos e ruinosos — envio de correspondência em grande quantidade, edição de revistas, etc. —, passámos a ser a uma grande equipa de correspondentes e redactores que difundem uma carta informativa semanal. Mas no que toca ao fundo, o que nos anima é, e foi sempre, o desejo de trabalhar em prol da reconciliação e da unidade da Igreja. Tendo-se as nossas atenções estendido, num primeiro tempo, a toda a França, e, a partir do Motu Proprio Summorum Pontificum, a todo o mundo católico, hoje, a nossa carta representa o coração do nosso círculo de actividade e influência. É preciso dizer que, na sua versão francesa, ela chega a 350 000 pessoas, e, nas diferentes versões internacionais, a cerca de 200 000.

Mesmo assim, não perdemos ainda o nosso gosto pelo que se passa no terreno. Digamos apenas que tentámos ajustar o nosso modo de actuação, adaptando-nos ao clima mais sereno que agora domina, depois do início do pontificado de Bento XVI. E é assim que, por exemplo, nos dirigimos pacificamente ao encontro de fiéis e sacerdotes à entrada das missas — desde Março de 2009, em França, já distribuímos 550 000 exemplares de um desdobrável de apoio ao Santo Padre.

*Referiu-se às versões internacionais da Carta de Paix Liturgique. Pode dizer uma palavra sobre isso? Porquê uma tal internacionalização?*

**CM:** Há uma convicção que serve de fundamento para a Paix Liturgique, a de que a tradição católica não é uma reserva índia. A reabilitação da tradição litúrgica da Igreja não é coisa que interesse apenas à Fraternidade de São Pio X, ou apenas aos “tradis”, ou apenas aos católicos franceses, mas sim a todo o conjunto da catolicidade. Aliás, isso foi já exposto de modo admirável pelo Cardeal Cañizares, prefeito da Congregação do Culto Divino, no prefácio que escreveu para o livro de Monsenhor Nicola Bux, A Reforma de Bento XVI, cuja tradução francesa foi recentemente publicada pelas edições Tempora.

E uma vez que a “reforma da reforma” desejada pelo Sumo Pontífice, é uma coisa que a todos diz respeito, pareceu-nos útil, num primeiro tempo, fazer desenvolver a nossa carta na internet — para se poder ir além do círculo limitado dos nossos amigos e simpatizantes —, e, num segundo tempo, torná-la acessível aos católicos do mundo inteiro.

Assim, desde há seis meses, temo-nos dedicado a reforçar a nossa equipa e a aperfeiçoar a nossa base de dados, de modo a poder oferecer edições mensais em inglês, português, espanhol, alemão e italiano, o que nos permite alargar o nosso campo de visão e verificar que a questão litúrgica é realmente um desafio universal da Igreja e não apenas um problema franco-francês. Em Hong-Kong, nas Filipinas, na Nigéria, no Brasil e no México, bem assim como na Polónia e na Grã-Bretanha, vemos, todos os dias, fiéis, padres, religiosos e prelados a abrirem-se à redescoberta deste tesouro da Igreja que é a missa tradicional.

*Precisamente, como é que vê a situação actual?*

**CM:** Ela é simplesmente inesperada: pela primeira vez depois das confusões e mudanças impostas brutalmente em nome do “espírito do concílio”, parece agora ser possível encontrar uma reconciliação que esteja para lá das preferências litúrgicas que cada um tenha. Com efeito, o Papa eliminou os últimos obstáculos — reais ou supostos — à afirmação da unidade de todos os católicos à volta do Santo Padre.

Assim, perante este clima favorável, daqui para a frente, a unidade há-de assentar principalmente no empenhamento pessoal de cada baptizado: os fiéis, claro está, aqueles cujo papel na Igreja foi sublinhado pelo Concílio Vaticano II, mas também os sacerdotes, que também têm esta responsabilidade na sua qualidade

de Pastores.

*A Paix Liturgique deu-se a conhecer, em especial, ao mandar efectuar sondagens de opinião ...*

**CM:** A ideia de mandar realizar sondagens de opinião nasceu do silêncio de desprezo que nos foi oposto: “você não existem”, “enganaram-se de século”, “aqui, entre nós, não há qualquer problema litúrgico”, “perderam o comboio da renovação”, etc. Ora bem, não só estas afirmações nos pareceram, desde o início, caricaturais, mas, além disso, e com o passar dos anos, elas acabaram por se mostrar completamente privas de fundamento: o número de fiéis ligados à antiga missa não pára de aumentar, os jovens são cada vez mais atraídos por ela.

Como observador privilegiado, desde há mais de 40 anos, e desde o nascimento do importante movimento francês dos “Silenciosos da Igreja”, logo a seguir ao concílio, pude observar que as pessoas que eram atraídas pela liturgia tradicional não eram apenas um “pequeníssimo grupo de velhinhos e de nostálgicos”, mas antes uma parte importante dos fiéis católicos. Estando convencido desta realidade que era confortada pelos testemunhos recolhidos dia após dia, procurámos encontrar um instrumento que justamente viesse dar consistência a esta realidade. Por que meio se poderia fazer luz sobre o facto de que não era nem honesto nem razoável reduzir os católicos ligados à liturgia latina e gregoriana apenas aos fiéis da Fraternidade de São Pio X, dos quais se dizia, aliás, não representarem mais de 1 % dos fiéis, “no melhor dos casos”?

Seguindo o exemplo do que havia sido feito na Alemanha, no início dos anos 80, pelo presidente da Una Voce nessa altura, Éric de Saventhem, tivemos a ideia de mandar realizar em 2001 uma sondagem em França, a cargo de um dos maiores institutos de sondagens do país. Os resultados deste inquérito Ipsos ultrapassaram as nossas esperanças mais desvairadas! Com efeito, numa época em que era corrente afirmar-se que a missa celebrada segundo o missal de João XXIII estava interdita, mais de 20 % dos católicos praticantes vieram dizer que queriam viver a sua fé católica ao ritmo da liturgia tradicional ...

Desde então, voltámos a encomendar outras sondagens semelhantes em França, e depois, em Itália, em Setembro de 2009; esta revelou o resultado extraordinário de que dois em cada três católicos praticantes italianos estavam prontos a assistir à antiga missa. Começámos também a fazer sondagens nas dioceses — até ao momento, em Versalhes e em Paris — e acabámos de lançar uma sondagem entre os católicos alemães...

Assim, pouco a pouco, vamos conseguindo obter uma avaliação suficientemente rigorosa de qual seja a realidade: após as belíssimas palavras pronunciadas em 2007 pelo Santo Padre, pelo menos um em cada três católicos que assistem à missa na sua paróquia participaria numa missa celebrada segundo a forma extraordinária ...

*E ainda assim, há muitos Pastores que se mostram pouco preocupados em aceitar esta realidade e em alcançar a unidade dos católicos?*

**CM:** Infelizmente, a ideologia é coisa ainda bem viva no seio de uma boa parte do clero, e mais ainda, do episcopado! Continua-se a abordar globalmente a questão da unidade numa lógica de exclusão: todos quantos manifestam uma qualquer ligação à tradição bimilenar da Igreja, seja ela de ordem doutrinal ou litúrgica, são ignorados ou vistos com desconfiança.

É mais do que tempo para que esta cegueira acabe e para que os nossos bispos tomem consciência de que muitíssimos fiéis desejam viver a sua fé católica ao ritmo da forma extraordinária do rito romano. Por muito difícil e dolorosa que esta tomada de consciência possa ser para alguns deles, este requisito prévio mostra-se indispensável. Desde que começámos com as nossas cartas “internacionais”, tivemos a ocasião de verificar que para muitos bispos dos cinco continentes: «não há qualquer problema litúrgico», «não há pedidos de aplicação do Motu Proprio», «a liturgia tradicional só interessa a um pequeníssimo grupo de fiéis», ou ainda «o Motu Proprio serve apenas para resolver o problema da Fraternidade de São Pio X» ...

Esta maneira de ver é, pelo menos, inexacta.

A observação honesta da realidade, o diálogo travado no terreno e as sondagens de opinião estão aí para o demonstrar: se, 40 anos depois, ao longo destes anos de chumbo, só um pequeníssimo grupo de fiéis fez ouvir a sua voz contra os abusos e as pseudo-interdições da missa tradicional, por outro lado, a imensa maioria dos que tinham uma ligação à liturgia tradicional foi agindo como Silenciosos da Igreja e calou-se. Alguns houve que deixaram de ir à missa, enquanto outros continuaram a frequentar as suas paróquias diocesanas, mesmo se isso feria a sua sensibilidade catequética e litúrgica.

Se com a publicação do Catecismo da Igreja Católica, a questão do catecismo ficou em parte resolvida, a questão litúrgica poderia tê-lo sido com a publicação do Motu Proprio Summorum Pontificum. Infelizmente, não é isso que está a acontecer. Certamente, nem todos os bispos se opõem ao Motu Proprio, muito longe disso! No entanto, as resistências são fortes e mesmo os mais favoráveis, em vez de pura e simplesmente aplicarem o Motu Proprio de 2007 (celebração de ambas as formas do rito nas paróquias, especialmente nas grandes paróquias do centro das cidades), têm a tendência para apenas usar o Motu Proprio de 1988 (pontual concessão de missas não paroquiais).

*Que podemos então esperar dos nossos bispos?*

**CM:** É muito simples, que deixem de querer ter razão contra o Papa e admitam reconhecer, finalmente, as necessidades dos fiéis que se mantiveram ligados à Fé e à prática tradicionais. Enquanto estes fiéis forem considerados como cristãos de segunda categoria, ou simplesmente como «um problema», a unidade eclesial que os bispos professam não passará de uma declaração de intenções repleta de hipocrisia.

Um primeiro passo que se pode encetar desde já, seria o de fazer com que todas as celebrações na forma extraordinária do rito romano que já estejam instauradas possam responder verdadeira e generosamente aos pedidos dos fiéis. O que é que isso quer dizer? Muito simplesmente, que as celebrações sejam dominicais, regulares e em horários normais e familiares. Forma extraordinária da missa não significa «condições extraordinárias» de celebração, como, infelizmente, é o que acontece muitas vezes.

Depois, seria necessário que os nossos pastores — em primeiro lugar, os nossos párocos, pois é a eles que o MP confia a responsabilidade, sem que tenham de recorrer ao placet do bispo — respondam lealmente e em tempos razoáveis aos pedidos que lhes são dirigidos, sem tergiversar nem protelar tentando ganhar

tempo ...

Respeito, boa-vontade e poder ser ouvidos, eis tudo o que pedimos aos nossos párocos e aos nossos bispos. Como esses são princípios de que falam sempre, não desesperaremos de, por fim, poder ver os seus frutos nas nossas paróquias.

*(1) Campanha que, por fim, foi coroada de sucesso por obra da Providência, uma vez que já há 3 missas dominicais em comunhão com Roma a serem celebradas nesta diocese (ao passo que na diocese vizinha, Saint-Denis, não há nenhuma).*